

Revista Iberoamericana de Turismo



ANÁLISE DAS METODOLOGIAS DE PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO TURISMO SEGUNDO OS PRINCIPAIS AUTORES BRASILEIROS

Jaqueline dos Santos Silva

Bacharelanda em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Bolsista de Iniciação Científica/Reuni/UFRN, Brasil.

E-mail: jaqueline.rn@hotmail.com

Kerlei Eniele Sonaglio

Professora do Departamento de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

E-mail: kerlei@ufrnet.br

Resumo

Este artigo aborda o tema “planejamento turístico” expondo um estudo analítico sobre as metodologias de planejamento e organização do turismo, publicadas pelos principais autores brasileiros tendo a finalidade de expor seus pontos fortes, pontos fracos, oportunidades, ameaças, dissensões e similitudes. De abordagem qualitativa; utilizou-se a pesquisa bibliográfica e eletrônica; realizaram-se fichamentos de 6 (seis) obras selecionadas que foram submetidas a análise SWOT. Assim, este estudo possibilitou a oferta de informações sobre tais metodologias para que estas possam ser utilizadas no planejamento do turismo adequando-se à realidade das destinações turísticas e na intenção de se ampliar o debate sobre a produção teórica acerca do assunto no cenário nacional.

Palavras-chave: Planejamento turístico. Metodologias de planejamento. Organização do turismo. SWOT.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de estudos e pesquisas na área do planejamento turístico pode contribuir de modo significativo na execução da atividade turística, uma vez que, por meio disso é possível se obter mais informações ou desenvolver novos métodos de planejamento turístico que podem culminar na concretização do turismo de forma ordenada objetivando resultados positivos em longo prazo.

Sendo assim, este artigo aborda o tema “planejamento turístico”, expondo um estudo analítico sobre as metodologias de planejamento e organização do turismo, publicadas pelos principais autores brasileiros que possuem obras sobre tal assunto tendo a finalidade de expor seus pontos fortes, pontos fracos, oportunidades, ameaças, dissensões e similitudes. Nessa direção, o intuito é que este estudo possibilite a oferta de informações

sobre tais metodologias para que estas possam ser utilizadas no planejamento turístico adequando-se à realidade das destinações turísticas e na intenção de se ampliar o debate sobre a produção teórica acerca do assunto no cenário nacional.

O estudo possui abordagem qualitativa, sendo que os procedimentos utilizados para se obter a coleta dos dados necessários para a realização da investigação basearam-se na pesquisa eletrônica e bibliográfica. Tais procedimentos possibilitaram identificar quais eram os principais autores brasileiros que possuíam obras na área de planejamento e organização do turismo, assim como auxiliaram na fundamentação teórica, identificando-se dessa forma, as metodologias de planejamento e organização do turismo existentes nas publicações selecionadas para o desenvolvimento do estudo.

A pesquisa eletrônica foi fundamental para selecionar os autores brasileiros que foram utilizados na execução deste trabalho. A primeira etapa foi pesquisar na *internet* nos *sites* de quatro livrarias brasileiras pelas obras de Turismo que versassem sobre a temática objeto desta pesquisa, foram elas: Livraria Cultura (<http://www.livrariacultura.com.br>); Livraria Siciliano (<http://www.siciliano.com.br>); Livraria Saraiva (<http://www.saraiva.com.br>) e Livraria Relativa - Livros de Turismo (<http://www.relativa.com.br>).

Contudo, era necessário definir quais deveriam ser as publicações selecionadas para utilizar na execução do estudo em questão. Assim, optou-se por pesquisar, também nos sites de 2 periódicos brasileiros (qualificados pela CAPES), artigos publicados na área de planejamento e organização do turismo, sendo eles: Revista Turismo Visão e Ação e Caderno Virtual de Turismo. Assim, o objetivo consistiu em observar nas revistas quais das obras publicadas por autores brasileiros da área de planejamento turístico (até então pesquisadas nos *sites* das livrarias) estavam presentes com mais frequência nas referências dos artigos publicados sobre o tema durante os últimos três anos. A partir disso, obteve-se o resultado de 6 (seis) obras, as quais estão listadas no quadro 1, com seus respectivos autores:

Livro	Autor
Turismo e planejamento sustentável	Doris Van de Meene Ruschmann
Turismo: planejamento e gestão	Mário Petrocchi de Oliveira
Planejamento turístico: teoria e prática	Débora Cordeiro Braga
Política e planejamento do turismo no Brasil	Mário Carlos Beni
Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil	Reinaldo Dias
O planejamento turístico e a cartografia	Renato Câmara Duque e Catarina Lutero Mendes

Quadro 1: Livros selecionados.

Fonte: elaborado pelos autores.

Já na segunda etapa do trabalho, foi realizada a pesquisa bibliográfica, necessária para auxiliar na fundamentação do assunto abordado no referencial teórico da pesquisa, servindo assim de base para as discussões acerca do tema estudado. Então, deu-se início a realização do fichamento de cada uma das obras mencionadas. Por fim, foram expostas as dissensões e similitudes entre elas. Estas etapas foram desenvolvidas durante os meses compreendidos entre fevereiro e setembro de 2011.

Na etapa final do trabalho, desenvolvida entre os meses de outubro e dezembro de 2011, realizou-se a análise dos resultados obtidos na investigação que, embora de caráter teórico, optou-se pela utilização do método de análise SWOT (*Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats*) para que por meio deste fosse possível concretizar a avaliação sobre as metodologias de planejamento e organização do turismo abordadas nesta pesquisa, especificamente no que diz respeito aos seus pontos fortes e fracos, nas suas oportunidades

e ameaças. Melo (2011, p. 166) em seu artigo “A aplicação da análise SWOT no planejamento turístico de uma localidade” propõe que esta ferramenta “também pode ser utilizada em pesquisas acadêmicas como método para contribuir em pesquisas de campo ou ensaios, a fim de construir fonte de consulta a partir dos resultados alcançados”. A realização da análise SWOT possibilita obter o conhecimento detalhado do objeto estudado, expondo tanto suas qualidades, quanto os seus defeitos. Assim, após o seu término fica exposto de modo claro e objetivo quais devem ser as modificações necessárias para o aprimoramento do objeto de estudo em questão.

Por meio desta análise torna-se possível perceber quais são os métodos de planejamento turístico que se apresentam mais aplicáveis no desenvolvimento do turismo. Pois, durante a sua execução expõe-se de maneira clara e objetiva os aspectos relevantes (sejam positivos ou negativos) presentes em cada modelo contido nas publicações dos autores pesquisados.

2 OS MÉTODOS DE PLANEJAMENTO TURÍSTICO E A ANÁLISE SWOT

Dentre os métodos de planejamento turístico existentes serão descritos a seguir os métodos/tipos de planejamento turístico que são abordados pelos principais autores brasileiros, a saber: Doris Van de Meene Ruschmann; Mario Petrocchi de Oliveira; Débora Cordeiro Braga; Mário Carlos Beni; Reinaldo Dias; Renato Câmara Duque e Catarina Lutero Mendes. Posteriormente, será realizada a análise de cada metodologia descrita. Dando sequência, serão apresentadas as dissensões e similitudes entre elas. Ao final, será apresentado um quadro sintético da análise SWOT e das dissensões e similitudes encontradas.

2.1 Métodos de Planejamento Turístico segundo a autora Doris Van de Meene Ruschmann

Doris Van de Meene Ruschmann é uma renomada autora da área de planejamento turístico. Além de atuar como docente, ela é consultora de planejamento turístico em diversas instituições e municípios, membro do Conselho deliberativo da Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo (ABBTUR-SP), dentre outras funções. O seu livro “Turismo e Planejamento Sustentável” até o momento já se encontra em sua 16ª edição. Ruschmann (1997) expõe na sua publicação os planejamentos turísticos de longo, médio e curto prazos, diferenciando-os da seguinte forma:

- O Planejamento Turístico de longo prazo - é aquele que se estende a partir da atualidade até o final da capacidade potencial de um empreendimento ou ação, visando o desenvolvimento de novos produtos ou serviços;
- O Planejamento Turístico de médio prazo - é aquele que tem por objetivo implantar as ações propostas a longo prazo, relacionadas aos equipamentos destinados ao atendimento dos desejos e das necessidades da demanda. Ele está subordinado ao de longo prazo e o seu horizonte costuma ser fixado em cinco anos.
- O Planejamento Turístico de curto prazo - constitui a fase inicial da hierarquia na implantação de equipamentos e no desenvolvimento de atividades em núcleos receptores. Geralmente, são ajustes e soluções que podem ser implantados no espaço de tempo de um ano, correspondem a soluções para necessidades imediatas e visam viabilizar o funcionamento adequado de serviços e equipamentos turísticos. Na maioria das vezes, ocorre em empresas particulares e seu efeito é pequeno na oferta total de uma localidade. Sobre os modelos/métodos de planejamento turístico Ruschmann (1997) destaca o Modelo de Planejamento Integrado proposto por Beni em 1987, em sua tese de doutorado,

que é o Sistur (Sistema de Turismo). O referido modelo proposto sugere a análise e o estudo da integração dos três conjuntos que compõem o Sistur, são eles: Conjunto das Relações Ambientais - envolve os subsistemas ecológico, social, econômico e cultural; Conjunto da Organização estrutural - envolve os subsistemas de super-estrutura e infraestrutura; e Conjunto de Ações Operacionais - envolve os subsistemas de mercado, oferta, demanda, produção, consumo e distribuição.

Ruschmann (1997) também expõe o Modelo de Plano de Desenvolvimento Turístico por ela proposto no livro, ele contém quinze etapas, são elas:

01. Identificação clara do problema, definindo a meta final e os objetivos - trata-se da conscientização da situação turística vigente na localidade a ser estudada. Os objetivos constituem os fins propostos e geralmente são expressos de forma qualitativa, em afirmações específicas, em sentenças claras e curtas, nas quais se considera preliminarmente a viabilidade da sua operacionalização;
02. Caracterização geral - delimitação da área de estudo, aspectos históricos e a administração geral e aspectos socioeconômicos;
03. Aspectos turísticos - condições naturais e atrativos socioculturais;
04. Infra-estrutura turística - hospedagem, alimentos e bebidas, entretenimentos, condicionamento físico e saúde, agenciamento, outros serviços e recursos humanos para o turismo;
05. Turismo receptivo - caracterização da demanda, caracterização da vocação e do tipo de turismo e *marketing*;
06. Turismo emissivo;
07. Análise e avaliação da oferta e da demanda, da imagem e da destinação turística - considerando os seus pontos fortes e fracos e as oportunidades e os riscos do desenvolvimento do turismo;
08. Diagnóstico - descreve a situação atual da destinação com base nos fatos, nas estatísticas e no seu histórico, obtidos pelo inventário. O fator mais importante do diagnóstico reside na apresentação de uma visão analítica do fenômeno turístico na localidade, das variáveis que a determinam e das relações mais importantes;
09. Prognóstico - prevê e projeta o comportamento esperado para o fenômeno turístico no caso de não haver interferência sobre o seu desenvolvimento atual, seja ele favorável ou não;
10. Diretrizes básicas para o desenvolvimento (ou recuperação) do turismo nas destinações turísticas - são estreitamente associadas aos objetivos propostos e constituem a indicação dos rumos a tomar. Trata-se da determinação das linhas-guia, para as quais se determinam prazos, instrumentos e responsabilidades;
11. Prazos - determinam a prioridade para a implantação da cada ação recomendada em curto, médio ou longo espaço de tempo;
12. Responsabilidades de cada setor envolvido na implantação das diretrizes propostas - relacionam-se com a atuação dos órgãos públicos e privados, bem como com a abrangência do envolvimento de cada um deles;
13. Instrumentos necessários para viabilizar as diretrizes propostas - devem ser definidos, classificados e ordenados, são eles: a. Intervenções de ativo fixo (IAF) - para a criação de obras físicas específicas, tais como aeroportos, hotéis, marinas, etc.; b. Políticas Específicas de Direção (PED) - diretamente relacionadas com órgãos públicos, têm a finalidade de estimular, controlar e evitar investimentos e ações; c. Ações Promotoras do Desenvolvimento (APD) - podem ser empreendidas tanto pelo setor público como privado e tratam da comercialização dos produtos turísticos, da capacitação dos recursos humanos

para o setor, da legislação específica para o turismo, da organização e da administração da atividade;

14. Programas de ação – constituem os marcos específicos de referência para a elaboração de projetos que, vinculados entre si pelas suas características, devem ser coerentes, interdependentes e apresentar periodicidade;

15. Projetos – correspondem ao conjunto de informação, sistemática e racionalmente ordenadas, que permite estimar os custos e benefícios de cada uma das diretrizes propostas e delimitadas no programa de ação. A implementação dos projetos decorrentes de um plano de desenvolvimento turístico só ocorrerá após a sua avaliação, realizada pelos órgãos públicos ou empresas privadas responsáveis pela sua execução, que analisarão as repercussões socioeconômicas, políticas e ambientais e o desenvolvimento da destinação turística.

Os modelos/métodos de planejamento turístico apresentados pela autora Ruschmann integram diversos fatores que influenciam tanto direta quanto indiretamente na atividade turística, possibilitando assim uma visão holística capaz de proporcionar mais precisão quando houver a necessidade de se tomar as decisões acerca da realização da atividade.

Analisando sua obra “Turismo e Planejamento Sustentável”, a pesquisadora Doris Van de Meene Ruschmann destaca dois modelos/métodos de planejamento turístico, sendo eles: o Modelo de Planejamento Integrado proposto por Beni e o Modelo do Plano de Desenvolvimento Turístico proposto pela própria autora.

O modelo do Plano de Desenvolvimento Turístico proposto por Doris Ruschmann possui como ponto forte a sua exposição de forma detalhada, sendo possível identificar cada etapa nele presente. Mas, apesar de suas etapas estarem detalhadas, algumas delas não apresentam clareza quanto a sua função ou execução, como por exemplo, as etapas de caracterização geral, de aspectos turísticos, de infraestrutura turística, dentre outras. Desse modo, pode-se visualizar como oportunidades a busca pelo aperfeiçoamento do modelo, expondo de forma clara e objetiva cada etapa nele existente, para que assim o planejamento possa ser executado corretamente.

2.2 Métodos de Planejamento Turístico segundo os autores Renato Câmara Duque e Catarina Lutero Mendes

A obra “O Planejamento Turístico e a Cartografia” dos pesquisadores Renato Câmara e Catarina Lutero aborda a questão dos planejamentos estratégico e tático, indicando que o planejamento estratégico busca definir os objetivos gerais, estabelecer as diretrizes e normas para o relacionamento da organização com o seu entorno, é voltado para as decisões de longo prazo e grandes repercussões e indica a direção que a organização deve seguir. Já o planejamento tático transforma os objetivos gerais em objetivos específicos para a execução de programas ou projetos, também transforma as diretrizes e normas em ações no âmbito dos sistemas administrativos, é voltado para as decisões a médio prazo e dá suporte as decisões que indicam a direção a seguir (DUQUE; MENDES, 2006).

Embora esses autores sejam brasileiros, eles apresentam em sua publicação alguns modelos/métodos de planejamento turístico internacionais, tendo por finalidade demonstrar a grande diversidade dos enfoques existentes, sendo eles: 1 - Planejamento Turístico do Sul da Austrália; 2 - Planejamento Estratégico Regional de Claire Gunn; 3 - Planejamento de Turismo Norte-americano; 4 - Modelo de Miguel Acerenza; 5 - Modelo de Molina e Rodriguez; 6 - Modelo de Mário Carlos Beni; 7 - Plano Maior, do Estado do Maranhão.

Segundo Duque e Mendes (2006, p. 29): “os modelos de planejamento turístico internacionais seguem uma mesma tendência metodológica, se distanciando em pontos específicos. Cada autor enfoca o planejamento na área em que ele julga mais importante, seja o econômico, social, etc.”.

No entanto, como o interesse deste estudo é conhecer a proposta dos autores em si, a seguir será apresentada somente a proposta desenvolvida pelos próprios pesquisadores que apresentam na obra a proposta de um modelo/método, tendo a cartografia como instrumento para o planejamento turístico, pois de acordo com Duque e Mendes (2006, p. 75):

A cartografia proporciona ao planejamento turístico uma maior confiabilidade dos dados obtidos, uma contextualização do espaço de trabalho, além da possibilidade de se realizar um cruzamento de uma gama de informações complexas, através de um Sistema de Informações Geográficas, proporcionando análises ambientais precisas e a visualização de cenários futuros.

Dessa forma, é viável a utilização da cartografia como um instrumento agregador de informações nas etapas do planejamento turístico referentes ao diagnóstico e ao prognóstico (DUQUE; MENDES, 2006). O diagnóstico é caracterizado pelo levantamento de todas as informações relevantes ao planejamento da atividade turística, como o levantamento das potencialidades, os atrativos turísticos (históricos, naturais, culturais, sociais, etc.), o público-alvo, o mercado potencial, equipamentos turísticos, infraestrutura básica e a realidade social e econômica da comunidade trabalhada.

Para eles, fazem parte do diagnóstico três atores distintos: o retrato da situação da comunidade, a pesquisa da oferta e a pesquisa da demanda.

01. No retrato da situação da comunidade, a cartografia pode auxiliar mapeando todos os dados coletados para contribuir assim na contextualização do local estudado, na pesquisa da oferta e da demanda, participando do cruzamento de dados feitos no SIG (Sistema de Informações Geográficas).

02. Na pesquisa da oferta, a cartografia pode acrescentar inúmeras informações por meio de seus aplicativos. Para a identificação de potenciais atrativos naturais, pode-se utilizar um mapa topográfico, que é subdividido em hipsografia (os aspectos do relevo), em hidrografia (a água e os detalhes relativos a drenagem), em cultura (a obra do homem) e em vegetação. Outro mapa de equivalente importância é o mapa geológico, por ser muito útil para a identificação de minerais, de locais propícios para a formação de grutas e cavernas, como também para o auxílio, em potencialidades, do uso do solo e do relevo. Há ainda as ortofotos, que podem servir como base para a criação de um mapa que expressará todas as informações obtidas. Além disso, há também o sistema GPS (*Global Positioning System*), que permite localizar todos os itens de interesse, no território natural, e transportá-los para um mapa georreferenciado.

03. Na pesquisa da oferta, o uso da cartografia permite uma análise mais abrangente das informações coletadas, tanto em campo, quanto em pesquisa de gabinete, viabilizando o cruzamento dos dados coletados e a visualização das análises efetuadas, otimizando os resultados esperados. Além disso, potencializa o estudo da demanda turística, possibilitando a localização espacial dos principais pólos emissores de turistas e seus trajetos até o local turístico. E o uso do SIG permite o cruzamento de dados entre a pesquisa da oferta e a pesquisa da demanda, possibilitando a realização de uma análise mais precisa que facilita a criação de padrões para verificar se há desequilíbrios entre a oferta e a demanda.

Na elaboração do prognóstico a cartografia tem como função a projeção de cenários futuros, que auxiliará na avaliação de execução do planejamento turístico, com o

intuito de prever falhas e corrigi-las em tempo hábil, minimizando os impactos negativos e irreversíveis.

Chega-se ao prognóstico por meio do cruzamento das informações levantadas no diagnóstico com as estratégias e planos de ação, a fim de se prever os resultados do planejamento. O SIG pode auxiliar o cruzamento dessas informações e promover a visualização dos resultados obtidos. Isso permite a análise da eficiência e eficácia das estratégias e planos de ação elaborados, possibilitando ao planejador rever as intervenções, verificar se são adequadas, ou não, aos objetivos propostos pelo planejamento turístico. Após a realização e análise do prognóstico, inicia-se a execução das estratégias e planos de ação.

Desse modo, o modelo de planejamento turístico que utiliza a cartografia como um instrumento que colabora na obtenção de novos dados, possui as seguintes etapas: 1 - Objetivos e metas; 2 - Diagnóstico; 3 - Retrato da comunidade/banco de dados; 4 - Pesquisa da oferta /banco de dados; 5 - Pesquisa da demanda /banco de dados; 6 - Sistema de Informações Geográficas (SIG); 7 - Estratégias; 8 - Planos de ação; 9 - Prognóstico; e 10 - Avaliação.

De modo geral, os modelos/métodos de planejamento turístico apresentados na publicação possuem uma estrutura comum, contendo a determinação de metas e objetivos, a realização do diagnóstico, a elaboração de planos de ação, a execução desses planos e a análise dos resultados (DUQUE; MENDES, 2006). Dessa forma, percebe-se que, é possível elaborar um modelo/método de planejamento turístico para ser utilizado como padrão para o desenvolvimento ordenado do turismo local, pelo menos segundo o visto até o momento.

Os autores Renato Câmara Duque e Catarina Lutero Mendes expõem em sua publicação “O Planejamento Turístico e a Cartografia” oito modelos/métodos de planejamento turístico, sendo eles: o Modelo de Planejamento Turístico do Sul da Austrália, o Modelo de Planejamento Estratégico Regional de Claire Gunn, o Modelo de Planejamento de Turismo Norte-americano, o Modelo de Miguel Acerenza, o Modelo de Molina e Rodriguez, o Modelo de Mário Carlos Beni, o Plano Maior do Estado do Maranhão e o Modelo de Duque e Mendes.

O modelo de Duque e Mendes, proposto em 2006 apresenta como ponto positivo um diferencial, que é a utilização da cartografia como um importante instrumento para auxiliar durante a execução do planejamento turístico. Apesar disso, um ponto negativo do modelo é que para utilizá-lo, o próprio agente da área de planejamento turístico precisa possuir conhecimento sobre a cartografia, mesmo com a presença de um especialista na área. Sendo assim, é necessário que o agente do planejamento acompanhe e participe das etapas que englobem a cartografia.

A oportunidade que surge é a seguinte: deve-se expor de forma clara e objetiva a importância da utilização das ferramentas presentes na cartografia durante a execução do planejamento turístico, tornando este um modelo de grande eficiência na atividade turística.

Como ameaças, pode haver a não utilização desse modelo, por se acreditar que ele é muito complexo e de difícil aplicabilidade, devido este motivo é fundamental expor e discutir os elementos que estão presentes na cartografia para que assim possa ficar clara a importância da utilização de tais elementos no processo de planejamento turístico.

2.3 Métodos de Planejamento Turístico segundo a autora Débora Cordeiro Braga

De acordo com Débora Cordeiro Braga, em seu livro “Planejamento Turístico: teoria e prática”, conscientes ou não, as pessoas estão sempre planejando e dessa maneira, percebe-se que o planejamento está presente em nossas vidas o tempo todo, seja no âmbito profissional ou pessoal. Um dos elementos destacados na obra é o planejamento

estratégico, que surge devido ao pressuposto de que existem objetivos que irão nortear as ações futuras, dessa forma há a necessidade de se ter sempre um ideal a atingir (BRAGA, 2007).

Segundo Braga (2007, p. 4):

O planejamento estratégico está vinculado à gestão de negócios (...), entretanto, destaca-se que o processo de planejamento estratégico não se restringe a um instrumento que auxilia a administração de uma empresa, ele também está vinculado ao planejamento de ações públicas. Como os resultados da gestão pública não são medidos pelo acúmulo de valores monetários, mas pela utilização ordenada dos recursos em favor da comunidade, observa-se, em geral, um objetivo relacionado ao contentamento do eleitorado, ou seja, à melhoria da qualidade de vida da população local, preservando recursos para gerações futuras – benefícios sociais, ambientais e econômicos – o que pode ser traduzido como desenvolvimento sustentável.

Desse modo, nota-se que o planejamento estratégico pode ser utilizado durante o processo de planejamento turístico de um local, auxiliando na obtenção dos resultados que indicam satisfação da população quanto ao que está sendo realizado na área em questão. Sobre o planejamento turístico Braga destaca três modelos/métodos de planejamento turístico, são eles: o Planejamento Preventivo, o Planejamento Corretivo e o Planejamento Misto, as diferenças entre eles “acontecem em função da situação em que a atividade turística se encontra, no momento em que se realiza o trabalho de planejamento” (BRAGA, 2007, p. 8).

Segundo Braga (2007, p. 8) “considera-se Planejamento Preventivo aquele que é realizado para estruturar a empresa ou a localidade, visando a desenvolver a atividade turística de forma ordenada e controlada, de acordo com os ditames de sustentabilidade”. Sendo assim, percebe-se que as ações são direcionadas para adequar a infra-estrutura básica, respeitando sempre as necessidades da população local, bem como para captar investimentos para a aquisição dos equipamentos turísticos, preparar a comunidade local para que a mesma possa atuar de forma satisfatória no setor, regulamentar e organizar a visitação aos recursos turísticos, procurando manter a integridade ambiental e considerar os anseios da população no que diz respeito ao processo decisório e a implantação das diretrizes de ação (BRAGA, 2007).

Percebe-se que o Planejamento Preventivo objetiva desenvolver o turismo de forma ordenada, buscando estruturar o local para que a atividade possa proporcionar benefícios em longo prazo a todos nela envolvidos.

Já o Planejamento Corretivo, tal qual postula Braga (2007, p. 8) “tem a função de melhorar a situação da atividade turística, otimizando potencialidades e revertendo quadros de insucesso ou decadência”. Ou seja, o planejamento corretivo ocorre quando a atividade turística não apresenta resultados satisfatórios, assim, é necessário verificar as linhas do desenvolvimento sustentável e da responsabilidade social para saber se as mesmas estão sendo seguidas, caso não estejam, deve-se avaliar o grau de comprometimento do ambiente, para diante disso propor as ações de melhoria dos equipamentos e dos serviços turísticos, assim como motivar a comunidade no sentido de maior envolvimento no processo de ordenamento da atividade, e em seguida realiza-se a ampliação ou o resgate do fluxo turístico no local (BRAGA, 2007).

O Planejamento Corretivo serve para corrigir falhas e imprevistos que surgem durante a execução da atividade turística. Dessa forma, acredita-se que ele é indicado para se utilizar em conjunto com outro tipo de planejamento, o qual deve ser efetuado antes da

implementação do turismo. Com isto, cada um dos métodos de planejamento poderá ser eficaz na fase a qual se destina.

E o Planejamento Misto segundo Braga (2007, p. 9) é aquele que “conjuga ações preventivas e corretivas, é o mais comum porque, mesmo em um trabalho de planejamento preventivo, existem situações que exigem direcionamentos corretivos”. Desse modo, o planejamento misto se apresenta bastante viável, pois, mesmo executando o planejamento preventivo é possível fazer ações de correção caso surja a necessidade.

Para a autora Braga (2007, p. 9):

Na prática, é difícil classificar o tipo de planejamento turístico; entretanto, é importante frisar que ações preventivas exigem menos recursos financeiros e humanos, uma vez que é possível apresentar propostas de forma gradativa, de maneira a viabilizar uma rotina de autofinanciamento para o desenvolvimento da atividade turística. Por outro lado, as iniciativas corretivas exigem maiores recursos porque precisam ser eficientes para reverter um quadro problemático, que muitas vezes tem interfaces em diversos setores, exigindo investimentos conjuntos em infra-estrutura básica e equipamentos turísticos e marketing, para mudar a imagem negativa da localidade ou da empresa.

É sempre importante ressaltar o pensamento relatado na citação, pois ainda é muito comum haver iniciativas de correção ao invés de iniciativas de prevenção no que se refere ao fenômeno turístico. Isso acaba exigindo um maior dispêndio tanto financeiro quanto em força de trabalho.

Braga (2007) destaca ainda as cinco principais fases do processo de planejamento, que são elas: 01. Introdução - nesta fase estão contidos os objetivos e a missão; 02. Inventário da situação atual - ela contém a caracterização geral, o levantamento da oferta, a caracterização da demanda, a investigação da comunidade e a descrição da concorrência; 03. Diagnóstico - esta fase contém a análise da oferta, a análise de dados da demanda, a análise da comunidade e a análise da concorrência; 04. Prognóstico - nela estão contidas as projeções e as tendências; 05. Diretrizes de ação - fase que contém os objetivos, as metas, os programas e os projetos. Este é, segundo a autora, o trabalho de pesquisa que compõe o planejamento, para que seja posto em prática por meio das etapas constantes em cada fase do processo.

Embora a autora exponha de forma sucinta os três modelos propostos em seu livro, percebe-se que eles são de fácil aplicabilidade, tendo em vista que muitos municípios e regiões chegam a alegar que não fazem o planejamento turístico adequado devido à dificuldade de executar as ações nele propostas. Os modelos citados são simples e eficazes, desde que efetuados na ordem necessária e de acordo com a realidade presente no local onde se implantará a atividade turística.

O Modelo de Planejamento Preventivo destaca como ponto positivo a busca por estruturar de forma ordenada o local onde se pretende implantar o turismo, para que assim a atividade possa gerar o mínimo de impactos negativos e se consolidar de modo sustentável. Já o seu ponto negativo é que o referido modelo é exposto de forma muito sucinta, sem detalhar as etapas que devem estar contidas no planejamento.

Para otimizar as oportunidades, acredita-se que se deve aprimorar o modelo, para que este passe a conter de forma detalhada as etapas nele presentes, facilitando assim a sua aplicabilidade. A ameaça que se apresenta é a seguinte: por ser um modelo de planejamento preventivo, ele acaba não sendo muito empregado, isso porque a atividade turística ainda é desenvolvida geralmente de forma desordenada, o que torna o modelo pouco popular.

Quanto ao Modelo de Planejamento Corretivo, apresenta como pontos fortes a otimização das potencialidades buscando reverter os quadros de insucesso ou decadência

presentes na atividade turística em determinado local. Todavia, como ponto negativo, este modelo também é apresentado de forma sucinta, sem deixar detalhadas as etapas que devem estar contidas em sua organização. Desse modo, surge como oportunidade passar a expor de forma detalhada as etapas que fazem parte do modelo em questão, para que possa ser totalmente compreendido sem haver o risco de utilização incorreta. Entretanto, como ameaça, surge a seguinte: os planejadores podem optar por utilizar este modelo como única ferramenta para a execução do planejamento turístico, mas, ele não é o suficiente para ser empregado de forma única, pois serve apenas para corrigir determinadas situações indesejadas durante o desenvolvimento da atividade turística.

No que diz respeito ao Modelo de Planejamento Misto, este enfatiza como ponto forte a utilização de ferramentas tanto do Modelo Preventivo, quanto do Modelo Corretivo. Desse modo ele se mostra eficaz no processo de planejamento turístico. Mas, assim como os dois modelos anteriores, o modelo misto também é apresentado de maneira sucinta, não deixando claras as etapas que estão contidas em sua estrutura.

Acredita-se que a oportunidade se apresenta da seguinte maneira: devem-se inserir no modelo as etapas que o compõem, as quais não se apresentam de forma detalhada. Após isto, o modelo pode tornar-se um dos mais utilizados, pois, este modelo mostra-se bastante viável para ser utilizado durante o planejamento turístico de uma localidade. Já as ameaças são as seguintes: apesar de conter ações tanto do modelo preventivo, quanto do modelo corretivo, não significa dizer que este modelo se adequa a todas as situações existentes em uma localidade referentes ao desenvolvimento turístico. Pensar desta forma significa aplicar o modelo em determinado local, sem que ele seja suficiente o bastante para auxiliar no planejamento turístico local.

2.4 Métodos de Planejamento Turístico segundo o autor Mário Petrocchi de Oliveira

Mário Petrocchi de Oliveira, ou “Mário Petrocchi” aborda em sua publicação “Turismo: planejamento e gestão” a importância do turismo como uma atividade econômica produtora de grande receita em todo o mundo, sendo que o Brasil pouco usufrui desse universo, devido a problemas de ordem social, cultural, estrutural, econômica, dentre outros (PETROCCHI, 1998).

Mas, é necessário ressaltar que o aspecto econômico é apenas uma das variáveis que permeiam o fenômeno turístico, por isso é fundamental executar o planejamento turístico na localidade onde se pretende implantar a atividade, para que por meio dele possam ser inseridos todos os aspectos que influenciam no desenvolvimento turístico do local.

Para Petrocchi (1998, p. 14) “o desenvolvimento do turismo exige um processo de gestão abrangente e visão de longo prazo. Em outras palavras, capacidade administrativa e ações coordenadas e convergentes”. Acredita-se que esse seja um dos motivos pelo qual os gestores não implementam o turismo de modo adequado, pois o que eles priorizam é exatamente o retorno financeiro em curto prazo e não se preocupam em administrar de forma abrangente.

A obra também expõe as características dos planejamentos: estratégico, tático e operacional. Sendo que no planejamento estratégico a abrangência é na organização como um todo, a exposição ao tempo é de longo prazo, o nível de decisão está na alta administração. No planejamento tático a abrangência é até o departamento ou setor, a exposição ao tempo é de médio prazo e o nível de decisão está na média gerência. Já no planejamento operacional a abrangência se limita a uma tarefa ou operação, a exposição ao tempo é de curto prazo e o nível de decisão está na supervisão.

Petrocchi (1998) destaca neste livro dois modelos/métodos de planejamento turístico, sendo eles: o Modelo Mediterrâneo ou Urbano e o Modelo Fechado ou Americano.

Para o autor, o Modelo Mediterrâneo ou Urbano surgiu na Europa de forma espontânea, sua principal característica é permitir ao visitante a integração com a comunidade local e isto proporciona uma relação de convivência entre o turista e o morador, havendo dessa forma uma grande relevância no fator cultural de ambos. Outra característica desse modelo é a ocorrência de investimentos regionais, isso faz com que os benefícios sejam direcionados a própria população do núcleo e reinvestidos na região, ocorrendo assim um progresso crescente. Deste modo, é necessário haver cuidados na administração dos núcleos urbanos, pois a preservação da imagem contribui para os resultados da atividade turística.

Já o Modelo Fechado ou Americano corresponde aos núcleos integrados de turismo, em que o turista é recebido com uma ampla estrutura de hospedagem, equipamentos e atividades de lazer ao seu inteiro dispor, ficando assim isolado da realidade da região visitada como também dos seus habitantes. Iniciativas desse modelo acabam sendo bastante atraentes para grupos de investidores internacionais, pois quando implantadas conseguem competir nas faixas mais elevadas no mercado de turismo (PETROCCHI,1998)

A produção apresenta ainda um roteiro para o planejamento turístico contendo seis etapas, são elas: 01. Análise macroambiental: realizar uma análise externa (mercado, ameaças e oportunidades) e realizar uma análise interna (inventário, pontos fracos e pontos fortes); 02. Diagnóstico; 03. Objetivos possíveis; 04. Estratégias de marketing: realizar uma estratégia de conceituação do produto, realizar uma estratégia do produto/mercado e realizar uma estratégia de segmentação; 05. Estratégia de comunicação; 06. Planos setoriais: Programa de estruturação da oferta turística, Programa de promoção e conscientização, Programa de formação profissional, Programa de coordenação municipal ou intermunicipal, Programa de expansão e melhoria da oferta física, Programa de normalização e fiscalização e Programa de controle e apoio técnico.

Segundo Petrocchi (1998, p. 69):

O planejamento deve envolver toda a comunidade do núcleo turístico; a participação das pessoas do local é imprescindível para o desenvolvimento do turismo, pois significa a conscientização da população para a importância dessa atividade. Sem a participação e o firme engajamento da comunidade, não há como pensar em crescimento do turismo.

Então, percebe-se que o autor acredita na proposta do Modelo Mediterrâneo ou Urbano, pois este modelo além de enfatizar a participação da comunidade no turismo, também defende sua interação com os turistas, para que assim todos possam ter contato com o fator cultural um do outro, percebendo com isto a importância das diferenças que os unem.

O Modelo Mediterrâneo ou Urbano apresenta como ponto positivo a inserção do visitante junto à comunidade local, permitindo a integração entre eles para que seja possível haver uma relação de convivência entre o turista e o morador, possibilitando desta forma uma grande relevância no fator cultural de ambos. Igualmente os outros modelos já mencionados, este também possui como ponto negativo a não exposição das etapas que devem estar presentes no modelo de modo claro e objetivo, para que assim ele possa ser interpretado adequadamente.

Dessa maneira, observa-se que como oportunidade deve-se realizar o aprimoramento do modelo, pois este possui grande potencial para tornar-se um dos

modelos mais utilizados durante o processo de planejamento turístico. Porém, como ameaça surge o seguinte: por ser exposto de forma sucinta, o modelo pode parecer muito simples e assim ser empregado de forma inadequada, sem proporcionar os efeitos desejados durante o processo de planejamento turístico.

Já Modelo Fechado ou Americano, como ponto positivo, defende a oferta de uma ampla estrutura de hospedagem, equipamentos e atividades de lazer ao inteiro dispor do turista no local visitado. Em contrapartida, como ponto negativo, ele defende o isolamento entre o turista e a comunidade receptora, e isso se torna muito prejudicial ao aspecto social da comunidade. Nesses termos, a população local fica completamente alheia ao desenvolvimento da atividade turística, além de obter apenas os pontos negativos da sua realização.

Uma maneira de otimizar as oportunidades é modificar o foco do modelo, para que possa se adequar a realidade atual, a qual busca a consolidação da atividade turística de forma sustentável, com o intuito de beneficiar todos os envolvidos direta e indiretamente na atividade. Contudo, uma ameaça presente é utilizar este modelo tal qual se encontra atualmente exposto, pois isso pode prejudicar de maneira bastante significativa tanto o local onde a atividade será desenvolvida, quanto a comunidade receptora, haja vista que, como dito anteriormente, o que permanece deste tipo de turismo na comunidade são os aspectos negativos da atividade.

2.5 Métodos de Planejamento Turístico segundo o autor Mário Carlos Beni

Mário Carlos Beni expõe na sua produção “Política e Planejamento do Turismo no Brasil” a necessidade de intervenção do Estado na estrutura da administração pública do turismo no país. Inclusive, relata que na década de 1980 foi realizada uma pesquisa a fim de analisar o desempenho do sistema nacional de turismo instituído na administração pública direta e indireta e esse estudo teve abrangência nas instituições públicas de turismo nos níveis federal, estadual e municipal (BENI, 2006).

Segundo Beni (2006, p. 15), os objetivos deste estudo eram:

Identificar as diretrizes políticas consideradas essenciais na elaboração de uma Política Nacional de Turismo; evidenciar as principais dificuldades ou obstáculos à ação integrada e intersetorial do sistema institucionalizado de turismo no Brasil; propor um modelo de sistema integrador, ágil e instrumentalizado, capaz de conciliar diversidades territoriais, obtendo assim um melhor equilíbrio regional, além de uma super e infra-estrutura de apoio; bem como promover o desenvolvimento sustentável econômico e social do turismo priorizando os investimentos públicos e orientando os empreendimentos privados.

Embora essa pesquisa tenha sido realizada na década de 1980, seus objetivos se encontram atuais, pois ainda há muitas localidades que desenvolvem a atividade turística sem se preocupar com as questões citadas anteriormente.

A obra também expõe uma breve retrospectiva dos Programas de Planejamento, Financiamento e Desenvolvimento do Turismo no Brasil, desde a criação da EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo) e o CNTUR (Conselho Nacional de Turismo) na década de 1970, até a criação do Ministério do Turismo em 2003, dando assim mais autonomia ao setor, pois o setor do turismo não iria mais dividir com os outros setores de atividades distintas a condução dos seus interesses particulares e nível nacional, bem como passaria a ter uma estrutura e um orçamento específico (BENI, 2006).

Beni (2006) destaca no livro apenas um modelo/método de planejamento turístico, que é o Modelo de Planejamento Estratégico e Integrado do Desenvolvimento Sustentável do Turismo. O referido modelo tem os seguintes objetivos:

- Identificar e descrever a ordenação geopolítica e administrativa da região objeto de estudo;
- Inventariar os recursos ambientais, naturais, culturais e artificiais;
- Traçar o perfil socioeconômico da região objeto de estudo;
- Descrever e identificar o estágio em que se encontra o turismo na região; e
- Observar as tendências do tráfego turístico regional, nacional, intra-regional e internacional.

O Modelo é dividido em duas etapas, são elas:

01.Diagnostico- onde devem ser realizadas as seguintes atividades: Analisar os recursos ambientais naturais para a sustentabilidade do turismo; Analisar o patrimônio cultural da região e seu potencial de utilização na sustentabilidade do turismo; Caracterizar e analisar a estrutura social, classificando-a segundo o processo de ocupação territorial, e a medida da participação da comunidade na produção de bens e serviços e nas atividades turísticas; Dimensionar e analisar a estrutura econômica do setor- nível de emprego, volume de investimentos, rentabilidade e consumo; Caracterizar e analisar a estrutura político-institucional do turismo na região, nos setores público e privado, objetivando a necessária ação integrada e compartilhada; Dimensionar e analisar a infra-estrutura regional urbana e de acesso para o processo sustentável de ocupação turístico-recreativa, tendo em vista a abrangência territorial da área objeto de estudo; Utilizar indicadores estatísticos e teorométricos para identificar a situação atual e projetar os cenários futuros do comportamento do mercado; Caracterizar e dimensionar a oferta regional existente e/ou projetada de alojamentos, transportes, equipamentos, instalações e serviços; Identificar e caracterizar o diferencial turístico regional para a estruturação das políticas de *marketing* e de fixação de segmentos do mercado de consumo; Caracterizar, classificar e quantificar a demanda atual e futura de bens e serviços turísticos; e Identificar desequilíbrios entre oferta e demanda do turismo na região.

02.Prognóstico- onde devem ser realizadas as seguintes atividades: Formular políticas e diretrizes de reorientação e programas de ação para assegurar o planejamento estratégico do desenvolvimento sustentável do turismo na região, abrindo espaço para iniciativas que identifiquem e articulem o sistema produtivo, ensejando a organização de *clusters*; Estabelecer metas e projetos específicos para garantir a integração da sustentabilidade do desenvolvimento econômico, turístico e social, da área objeto de estudo, observados seus componentes intersetoriais; e Adotar programas que levem com eficiência, qualidade e competitividade ao desenvolvimento sustentável do produto turístico regional.

No livro destacam-se ainda os instrumentos de intervenção no planejamento que são: os planos, programas e projetos. Segundo Beni (2006, p. 135):

Os programas e projetos, além dos planos, são sistemas que combinam objetivos, estratégias, métodos, atividades e recursos que se organizam para que tenham efeitos na qualidade de vida de grupos sociais previamente definidos. [...] Cabe lembrar que um plano, programa ou projeto público destina-se a uma coletividade ou comunidade atinge interesses de grupo e o lucro que se obtém é dos beneficiários ou grupo-alvo.

O Modelo de Planejamento Estratégico e Integrado do Desenvolvimento Sustentável do Turismo apresenta como pontos positivos uma importante relevância em suas respectivas etapas no que se refere à inserção dos inúmeros setores e aspectos que estão presentes na atividade e que devem ser considerados durante o processo de planejamento turístico, assim como defende a realização do turismo sustentável. Nessa direção, esse modelo possibilita ao planejador mais clareza e entendimento sobre o que deve ser efetuado durante o planejamento, para que assim possa ser executado de forma correta almejando a sustentabilidade.

Em compensação, como ponto negativo, o modelo apesar de apresentar uma proposta sobre a infraestrutura, ele a expõe de forma bastante sucinta, sem deixar explícito todas as ações que devem ser desenvolvidas para tornar a infraestrutura adequada a todos. Uma oportunidade viável seria aprimorar esta etapa do modelo, no intuito de torná-la completa no que se refere à adaptação da infraestrutura local, para que dessa maneira possa se garantir a sua adequação em todos os níveis (básico, de apoio e turístico), garantindo assim atendimento eficaz e satisfatório tanto para a comunidade local quanto para os turistas. Já a ameaça que surge é a seguinte: se o estudo sobre a adaptação da infraestrutura for executado de modo superficial, poderá considerar apenas as necessidades dos turistas, deixando assim de atender a comunidade, que é quem permanece no local com ou sem a presença do turismo.

2.6 Métodos de Planejamento Turístico segundo o autor Reinaldo Dias

Reinaldo Dias expõe em sua produção “Planejamento do Turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil”, a necessidade do planejamento na atividade turística dizendo que, no turismo:

Há problemas que devem ser contornados e que podem trazer graves conseqüências para qualquer localidade, e que só poderão ser evitados com o rigoroso planejamento da atividade e participação ativa de amplo leque de atores, destacando-se: a comunidade receptora, órgãos da administração pública, empresários do ramo, visitantes e organizações do terceiro setor (DIAS, 2003, p. 13).

Nota-se que o autor defende a participação de todos os envolvidos direta e indiretamente na atividade, para desse modo desenvolver um planejamento ordenado buscando atender as necessidades coletivas sobre a realização do turismo local.

Segundo Dias (2003, p. 14):

O turismo transformou-se numa das mais importantes faces da globalização, contribuindo para estreitar as distancias entre as diversas partes do globo e, ao mesmo tempo, para o aumento de uma consciência global. Diferentes povos, através da atividade turística, passam a compreender o lugar que ocupam no mundo e a ligação que possuem uns com os outros.

Por meio da citação exposta, percebe-se que, não cabe mais pensar que o turismo é apenas uma atividade para desfrutar do tempo livre, ele é um fenômeno com maior complexidade, e por este motivo deve ser desenvolvido de forma planejada.

Sobre planejamento, Dias (2003) ressalta que este possui algumas características peculiares, são elas:

- Em relação ao tempo, a ação do planejamento se volta, sempre, para o futuro. O presente e o passado devem ser considerados como pontos de referências;
- Tem como objetivo orientar a transformação da realidade presente, em rumos predeterminados;
- As necessidades e os problemas são o fato gerador do planejamento, quanto maior o número ou a seriedade dos problemas, mais necessário se torna o planejamento;

- Implica a existência de um sujeito ou agente do planejamento;
- As informações, ou dados, são fundamentais para se elaborar o planejamento;
- Os instrumentos do planejamento são os planos, programas e projetos;
- Implica a escolha de caminhos ou ações diversas; e
- As ações a serem empreendidas para atingir o objetivo proposto tem uma sequência lógica e são realizadas de modo organizado.

Em relação aos modelos/métodos de planejamento turístico o pesquisador Dias (2003) expõe no livro um modelo de planejamento, não necessariamente turístico, por ele proposto que se divide em três partes, sendo elas: o estudo do espaço físico, o período de duração e a extensão do plano, detalhadas a seguir:

- Espaço físico - particularmente, quando o planejamento envolve o país todo, é necessário introduzir alguns limites para melhor operacionalização. Embora seja mais ou menos óbvio que o espaço a ser considerado na elaboração de um planejamento nacional seja o território por ele ocupado, deve-se introduzir algumas questões a serem consideradas no estágio de desenvolvimento atual. De modo geral, para fins metodológicos podem-se classificar, primeiramente, os planos em: nacional, regional e local.
- Período de duração - o fator tempo remete ao período de duração dos planos, que de modo bastante subjetivo podem ser considerados quanto ao prazo: curtos, médios e longos. De modo geral, os planos até três anos podem ser considerados de curto prazo e decorrem da necessidade de sanar problemas urgentes. Os planos de médio prazo são os que se estendem por cerca de cinco anos e se ajustam de certo modo aos mandatos governamentais, nas mais variadas instâncias. Já os planos de longo prazo são os que possuem duração aproximadamente superior a dez anos, e se caracterizam por apresentarem maior complexidade, podendo conter vários planos intermediários de curto ou médio prazo.
- A extensão do plano - o número de atividades a serem envolvidas diz respeito ao objeto do planejamento propriamente dito, ou seja, aos diversos segmentos da economia que deverão ser atingidos diretamente. No âmbito de um Plano Nacional de Desenvolvimento, o número de atividades a serem consideradas pode ser muito grande, ou pode-se escolher interferir ou acompanhar algumas atividades em relação as quais as demais reagem de determinado modo.

Para a elaboração deste plano Dias relata que é necessário utilizar como ponto de partida o diagnóstico, e uma vez feito isso, tem-se o prognóstico, que é o plano propriamente dito, expondo o comportamento futuro do que está sendo planejado. A última parte do planejamento é a implantação do Plano, onde é necessário estar sempre presente a questão da participação em grande escala, seja das organizações existentes, ou dos cidadãos propriamente ditos.

O autor também expõe na publicação um modelo de planejamento elaborado por Molina, no qual estão contidos os elementos básicos de um processo de planejamento. Porém o modelo de Molinanão será apresentado porque o objetivo deste item (e do estudo) é o de apresentar e analisar somente a obra dos autores em si, neste caso de Reinaldo Dias.

O modelo de Reinaldo Dias, no seu ponto positivo, dá destaque as questões de espaço físico, o período de duração do planejamento e a extensão do plano que será desenvolvido, para que assim possam ser efetuadas ações visando adequar-se de acordo com a abrangência do planejamento a ser executado. Entretanto, como ponto negativo, o modelo não expõe detalhadamente quais são as ações que devem ser realizadas durante

cada uma das três etapas presentes nele, dificultando assim a sua utilização de modo correto.

Dessa maneira, a oportunidade ideal é expor de forma clara e objetiva as etapas que devem estar contidas no modelo, para que deste modo possa ser utilizado de forma eficiente pelo planejador. Caso se utilize este modelo do modo como ele está sendo apresentado, a ameaça que surge será a seguinte: ele não proporcionará a obtenção de resultados significativos sobre o turismo, pois não há possibilidade de realizar as ações sem que estas estejam expostas nas respectivas etapas do modelo.

3. DISSENSÕES E SIMILITUDES DOS MODELOS DE PLANEJAMENTO TURÍSTICO

Após a execução da análise SWOT sobre os modelos/métodos de planejamento turístico expostos nas publicações pesquisadas durante o estudo, é possível identificar quais são os pontos fortes e fracos de cada modelo. Desse modo, é necessário atentar para as oportunidades que se apresentam, evitando assim a ocorrência das ameaças durante a utilização dos métodos.

Também é possível perceber após a análise quais são as dissensões e similitudes presentes nos modelos apresentados pelos autores abordados no estudo, dessa forma, expõem-se a seguir de modo textual as principais dissensões e similitudes dos modelos de planejamento turístico, de acordo com cada autor.

Na publicação “Turismo e Planejamento Sustentável” da pesquisadora Doris Van de Meene Ruschmann, o modelo por ela proposto destaca quais são os instrumentos necessários para viabilizar as diretrizes propostas, ressaltando que eles devem ser definidos, classificados e ordenados, sendo eles:

- As Intervenções de Ativo Fixo (IAF) - para a criação de obras físicas específicas, tais como aeroportos, hotéis, marinas, etc.;
- As Políticas Específicas de Direção (PED) - diretamente relacionadas com órgãos públicos, tendo a finalidade de estimular, controlar e evitar investimentos e ações; e
- As Ações Promotoras do Desenvolvimento (APD) – que podem ser empreendidas tanto pelo setor público como privado e tratam da comercialização dos produtos turísticos, da capacitação dos recursos humanos para o setor, da legislação específica para o turismo, da organização e da administração da atividade.

No que concerne às similitudes com os demais modelos expostos nas obras dos outros pesquisadores é que esse modelo expõe a necessidade da execução de um diagnóstico e também de um prognóstico, a análise da infraestrutura existente no local, assim como a realização de programas de ação e projetos.

Na obra “O Planejamento Turístico e a Cartografia” dos autores Renato Câmara Duque e Catarina Lutero Mendes, o modelo por eles proposto, defende a utilização da cartografia como um importante instrumento para auxiliar na execução do planejamento turístico. As similitudes presentes no modelo que também se apresentam em outros modelos expostos nas produções dos demais autores pesquisados, são a definição dos objetivos, a análise do mercado atual, a implementação e a avaliação do plano, a pesquisa sobre a oferta e a demanda, a realização do diagnóstico e do prognóstico, e o desenvolvimento de programas de ação.

Débora Cordeiro Braga destaca no seu livro “Planejamento turístico: teoria e prática” um dos modelos por ela exposto que defende a realização planejamento preventivo, dessa forma, percebe-se que as ações são direcionadas para adequar a infraestrutura básica, respeitando sempre as necessidades da população local, assim como captar investimentos para a aquisição dos equipamentos turísticos, preparar a comunidade local para que esta possa atuar de forma satisfatória no setor, regulamentar e organizar a

visitação aos recursos turísticos, procurando manter a integridade ambiental e considerar os anseios da população no que diz respeito ao processo decisório e a implantação das diretrizes de ação.

Já as similitudes presentes, tanto nesse modelo quanto em outros mencionados na pesquisa são as seguintes: a execução do inventário da situação atual, a realização do diagnóstico e prognóstico e o desenvolvimento de diretrizes de ação.

Mário Petrocchi destaca em sua publicação “Turismo: planejamento e gestão” um dos modelos por ele exposto que defende a integração do visitante com a comunidade local e isto proporciona uma relação de convivência entre o turista e o morador, havendo desta forma uma grande relevância no fator cultural de ambos. Quanto às similitudes encontradas entre esse modelo e os demais contidos no estudo em questão, são a definição de objetivos, a realização do diagnóstico e a elaboração de planos setoriais.

O pesquisador Mário Carlos Beni na produção “Política e Planejamento do Turismo no Brasil” destaca no modelo por ele proposto que se devem observar as tendências do tráfego turístico regional, nacional, intra-regional e internacional. Além disso, é preciso utilizar indicadores estatísticos e teorométricos para identificar a situação atual e projetar os cenários futuros do comportamento do mercado. As similitudes entre o modelo do autor e os demais modelos estudados são a execução do inventário, do diagnóstico e do prognóstico, a análise da infraestrutura local e o desenvolvimento de programas e projetos de ação.

O autor Reinaldo Dias no seu livro “Planejamento do Turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil” apresenta destaque para o modelo por ele proposto, o qual defende a utilização do espaço físico, assim como o período de duração do planejamento e a extensão do plano que deve ser elaborado no final do processo de planejamento. As similitudes presentes tanto neste modelo como nos demais expostos na pesquisa são as seguintes: a definição dos objetivos, a execução do diagnóstico e do prognóstico e a elaboração e implantação do plano de ação.

De modo geral, os métodos de planejamento turístico presentes nas publicações pesquisadas durante o estudo, possuem uma estrutura comum, contendo a determinação de metas e objetivos, a realização do diagnóstico e prognóstico, a elaboração de planos, programas e projetos de ação, a execução destes e, por fim, a análise dos resultados obtidos.

4 SÍNTESE DO ESTUDO REALIZADO

4.1 Análise SWOT das metodologias de planejamento e organização do turismo

Após a realização de modo textual da análise SWOT sobre as metodologias de planejamento e organização do turismo presentes nas obras dos autores pesquisados neste trabalho, constatou-se a necessidade de apresentar de modo sucinto a análise desenvolvida. Para tanto, será exposto a seguir o Quadro 02, contendo os autores que fizeram parte da pesquisa, destacando os principais elementos da análise de cada modelo presente em suas obras bibliográficas.

A partir desse quadro é possível obter de maneira rápida e sintética informações relevantes sobre a análise SWOT efetuada nas metodologias de planejamento e organização do turismo utilizadas na elaboração do trabalho em questão.

Autor	Pontos fortes	Pontos fracos	Oportunidades	Ameaças
Doris Van de Meene Ruschmann	<ul style="list-style-type: none"> Análise e estudo da integração dos três conjuntos que compõem o Sistor. Identificação detalhada das etapas contidas no modelo. 	<ul style="list-style-type: none"> Fases do modelo apresentadas de modo sucinto. Algumas etapas não apresentam clareza quanto a sua função ou execução. 	<ul style="list-style-type: none"> Detalhar a composição do modelo. Expor de modo claro cada etapa existente no modelo. 	<ul style="list-style-type: none"> A não utilização do modelo devido a sua falta de clareza. Realização inadequada do planejamento devido a obscuridade presente no modelo.
Renato Câmara Duque e Catarina Luterio Mendes	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação detalhada sobre a sustentabilidade ambiental e econômica. Revisão e monitoramento dos procedimentos de implementação do turismo. Determinação dos objetivos e das diretrizes gerais do desenvolvimento. Participação da comunidade durante o processo de planejamento turístico. Execução de inventário. Realização de uma análise e avaliação da gestão do turismo. Elaboração de um diagnóstico, um prognóstico, um plano e um programa de ação. Identificação detalhada das etapas contidas no modelo. Elaboração de um diagnóstico e de um plano. Utilização da cartografia na execução do planejamento turístico. 	<ul style="list-style-type: none"> O modelo considera apenas as necessidades dos turistas no que se refere à infraestrutura. Apresenta-se de forma bastante resumida. Falta de clareza nas etapas contidas no modelo. O modelo não expõe detalhes necessários a sua melhor aplicabilidade. Não aborda a participação da comunidade. Requer que o próprio agente da área de planejamento turístico possua o conhecimento sobre a cartografia. 	<ul style="list-style-type: none"> Identificar as necessidades tanto dos turistas quanto dos habitantes no que se refere à adequação da infraestrutura local. Expor de forma clara e objetiva as etapas e as funções contidas no modelo. Aprimorar tal modelo para que ele possa tornar-se eficiente. Acrescentar uma etapa no modelo, que discorra sobre a participação da comunidade local. Expor de modo claro e objetivo a importância da utilização das ferramentas contidas na cartografia. 	<ul style="list-style-type: none"> Descontentamento da comunidade em relação ao desenvolvimento do turismo. Ineficácia do modelo em decorrência de sua apresentação sucinta. O modelo pode não conseguir abarcar a todas as necessidades de determinada localidade. A ocorrência de problemas de relacionamento entre a comunidade e os turistas. A não utilização deste modelo, por se acreditar que ele é muito complexo e de difícil aplicabilidade.
Débora Cordeiro Braga	<ul style="list-style-type: none"> Estruturação do local de forma ordenada. Otimização das potencialidades e reversão dos quadros de insucesso ou decadência presentes na atividade. Utilização de ferramentas dos modelos preventivo e corretivo. 	<ul style="list-style-type: none"> O modelo não expõe detalhadamente e com clareza as etapas que devem estar nele contidas. 	<ul style="list-style-type: none"> Aperfeiçoar o modelo para que possa tornar-se eficaz. Expor de modo detalhado as etapas que fazem parte do modelo. 	<ul style="list-style-type: none"> A não utilização do modelo pelo fato de ser preventivo. A utilização de determinado modelo como única ferramenta para a execução do planejamento turístico. Aplicar um dos modelos sem que este seja suficiente para auxiliar no planejamento turístico.
Mário Petrocchi de Oliveira	<ul style="list-style-type: none"> Integração do turista com a comunidade local. Oferta de uma ampla estrutura de hospedagem, equipamentos e lazer. 	<ul style="list-style-type: none"> Não expõe de modo detalhado as etapas que devem estar contidas em sua estrutura. Enfatiza o isolamento entre o turista e a comunidade local. 	<ul style="list-style-type: none"> Aprimorar o modelo, visando torná-lo eficiente. Modificar o modelo para que o mesmo se torne adequado a realidade atual. 	<ul style="list-style-type: none"> A utilização do modelo de forma inadequada, pelo fato de parecer muito simples. A utilização do modelo sem considerar os anseios da comunidade pode prejudicar de modo significativo o

				local e os seus habitantes.
Mário Carlos Beni	<ul style="list-style-type: none"> Inserção de diversos setores e aspectos que estão presentes na atividade. 	<ul style="list-style-type: none"> Apresenta a proposta de infraestrutura de modo muito sucinto. 	<ul style="list-style-type: none"> Expõe de forma detalhada a proposta sobre a infraestrutura. 	<ul style="list-style-type: none"> A realização do estudo sobre a infraestrutura se feito de modo superficial, pode deixar de considerar algumas necessidades básicas.
Reinaldo Dias	<ul style="list-style-type: none"> Destaca o espaço físico, o período de duração do planejamento e a extensão do plano que será desenvolvido. Destaca a importância de os agentes do planejamento possuírem conhecimento e experiência adequados. 	<ul style="list-style-type: none"> Não expõe de modo detalhado e de forma clara as ações que devem ser executadas durante cada etapa. 	<ul style="list-style-type: none"> Expõe de maneira clara e objetiva as etapas que devem estar contidas no modelo. Aprimora-lo, para que o mesmo torne-se eficiente. 	<ul style="list-style-type: none"> A utilização do modelo da forma em que ele se encontra pode não proporcionar a obtenção dos resultados esperados, devido a falta de clareza nas ações que devem ser executadas.

Quadro 02: Síntese da análise SWOT.

Fonte: elaborado pelos autores.

Autor	Dissensões	Similitudes
Doris Van de Meene Ruschmann	<ul style="list-style-type: none"> O modelo destaca os seguintes instrumentos para viabilização das propostas: as intervenções de ativo fixo, as políticas específicas de direção e as ações promotoras do desenvolvimento. 	<ul style="list-style-type: none"> Realização de diagnóstico e prognóstico, análise da infraestrutura, e a realização de programas e projetos de ação.
Renato Câmara Duque e Catarina Lutero Mendes	<ul style="list-style-type: none"> O modelo defende a utilização da cartografia no processo de planejamento turístico. 	<ul style="list-style-type: none"> Definição de objetivos, realização de diagnóstico e prognóstico e desenvolvimento de programas e projetos.
Débora Cordeiro Braga	<ul style="list-style-type: none"> O modelo destaca a realização do planejamento preventivo. 	<ul style="list-style-type: none"> Realização de inventário, realização de diagnóstico e prognóstico e o desenvolvimento de diretrizes de ação.
Mário Petrocchi de Oliveira	<ul style="list-style-type: none"> O modelo defende a integração do visitante com a comunidade local. 	<ul style="list-style-type: none"> Definição de objetivos, realização de diagnóstico e a elaboração de planos setoriais.
Mário Carlos Beni	<ul style="list-style-type: none"> O modelo destaca a observação das tendências do tráfego turístico regional, nacional, intra-regional e internacional. 	<ul style="list-style-type: none"> Realização de inventário, de diagnóstico e de prognóstico, análise da infraestrutura e o desenvolvimento de programas e projetos de ação.
Reinaldo Dias	<ul style="list-style-type: none"> O modelo destaca a utilização do espaço físico, o período de duração do planejamento e a extensão do plano que deve ser elaborado. 	<ul style="list-style-type: none"> Definição de objetivos, realização de diagnóstico e prognóstico e a elaboração e implementação do plano de ação.

Quadro 03: Síntese das dissensões e similitudes.

Fonte: elaborado pelos autores.

4.2 Dissensões e similitudes entre as metodologias

As metodologias de planejamento e organização do turismo estudadas durante a pesquisa apresentam algumas dissensões e similitudes, as quais já foram expostas no trabalho de forma textual. Mas, com o intuito de auxiliar na compreensão destas, expõe-se a seguir o quadro 03, onde as diferenças e semelhanças se apresentam de modo sucinto e prático, comparando-se os autores que fizeram parte da pesquisa, destacando as principais dissensões e similitudes entre as metodologias estudadas.

Por meio da exposição do quadro 03, torna-se possível apresentar de maneira bastante concisa as divergências e convergências presentes nas principais metodologias de planejamento e organização do turismo abordadas pelos autores contidos nessa pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da pesquisa constatou-se que é importante e necessário efetuar análises sobre as metodologias de planejamento e organização do turismo antes de utilizá-las na estruturação e dinâmica do turismo. Percebeu-se que as metodologias podem ser utilizadas como ferramentas no processo de execução do planejamento turístico, seja ele local, regional ou nacional. Contudo, é necessário que estas sofram algumas alterações, no intuito de aprimorá-las e visando sua eficácia.

Para tanto, foi necessário analisar as metodologias de planejamento e organização do turismo publicadas pelos principais autores brasileiros. Ressalta-se que, por meio dos critérios utilizados, foram selecionados 6 obras de 7 autores da área que foram pesquisados neste trabalho, sendo eles: Débora Cordeiro Braga; Doris Van de Meene Ruschmann; Mário Carlos Beni; Mário Petrocchi de Oliveira; Reinaldo Dias; e Renato Câmara Duque e Catarina Lutero Mendes.

Consolidar a análise em questão só foi possível utilizando o método SWOT, no intuito de expor os pontos fortes e fracos de cada metodologia, assim como sugerir a concretização das oportunidades que se apresentavam e verificar as ameaças em potencial. Ao término da execução da análise foi possível expor as principais dissensões e similitudes entre as metodologias de planejamento e organização do turismo até então estudadas, para que desse modo fosse possível obter de maneira clara e objetiva informações relevantes sobre a pesquisa executada. Assim, espera-se que este estudo possa auxiliar e subsidiar os planejadores do turismo na escolha da metodologia de planejamento turístico.

REFERÊNCIAS

BENI, Mário Carlos. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BRAGA, Débora Cordeiro. **Planejamento turístico: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

CADERNO VIRTUAL DE TURISMO. Informações sobre artigos de planejamento turístico. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno>. Acesso em 26 out. 2011.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do turismo:** política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2003.

DIAS, Reinaldo. **Turismo sustentável e meio ambiente.** São Paulo: Atlas, 2008.

DUQUE, Renato Câmara; MENDES, Catarina Lutero. **O Planejamento turístico e a cartografia.** Campinas, SP: Alinea, 2006.

LIVRARIA CULTURA. Informações sobre livros de planejamento turístico. Disponível em:

<http://www.livrariacultura.com.br/scripts/index.asp?sid=00171433413119526178812539&google&gclid=cpvgpav-qawcfqen7qodzhpdg>. Acesso em 28 out. 2011.

LIVRARIA RELATIVA. Informações sobre livros de planejamento turístico. Disponível em: <http://www.relativa.com.br/resumolivros.asp>. Acesso em 28 out. 2011.

LIVRARIA SARAIVA. Informações sobre livros de planejamento turístico. Disponível em:

http://www.livrariasaraiva.com.br/?PAC_ID=18659&gclid=CPvxv4SAqqwCFQtU7AodDT0GEw. Acesso em 28 out. 2011.

LIVRARIA SICILIANO. Informações sobre livros de planejamento turístico. Disponível em: http://www.siciliano.com.br/?pac_id=26948&gclid=CM-nwZ3_qawCFYuc7QodqiO-Dw. Acesso em 28 out. 2011.

MELO, Natália Rodrigues de. **A aplicação da Análise SWOT no planejamento turístico de uma localidade:** o caso de Araxá, MG. Rio de Janeiro: Caderno Virtual de Turismo. v. 11, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/546/276>. Acesso em 20 set. 2011.

PETROCCHI, Mario. **Gestão de pólos turísticos.** 2 ed. São Paulo: Futura, 2001.

PETROCCHI, Mario. **Turismo:** planejamento e gestão. São Paulo: Futura, 1998.

REVISTA TURISMO VISÃO E AÇÃO. Informações sobre artigos de planejamento turístico. Disponível em: <http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rtva>. Acesso em 26 out. 2011.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável.** Campinas, SP: Papirus, 1997.

**ANALYTICAL STUDY ON TOURISM PLANNING AND ORGANIZATION
METHODOLOGIES PUBLISHED BY THE MAIN BRAZILIAN AUTHORS**

Abstract

This article deals with “tourism planning”, exposing an analytical study on tourism planning and organization methodologies published by the main Brazilian authors with the aim of exposing their strengths, weaknesses, opportunities, threats, dissensions and similarities. Based upon a qualitative approach, bibliographical and electronic research were used, as well as annotations of 6 (six) selected works that were submitted to SWOT analysis. Thus, this study enabled the provision of information about those methodologies that could be used, as long as adapted to the reality of tourist destinations and with the intention to broaden the debate on the theoretical production related to this matter in the national scenario.

Keywords: *Tourism Planning. Planning Methodologies. Organization of Tourism. SWOT.*

Artigo recebido em 07/10/2013. Aceito para publicação em 30/11/2013.